

SAÚDE e ENÇA

Quem dera pudéssemos iniciar esta apresentação informando que os artigos versariam sobre os cuidados que os migrantes deveriam ter na escolha dos alimentos, evitando os que contêm agrotóxicos, ou os enlatados com corantes; ou ainda da importância de se manter uma dieta balanceada; da necessidade do repouso; das vantagens de uma prática saudável do esporte, quer para o corpo, quer para a mente; das variedades culinárias e suas riquezas nutritivas em cada região de destino dos migrantes, e tantos outros alertas que uma boa saúde requer. Quem dera!

Infelizmente, o conteúdo social da palavra *saúde*, pouco ou nada tem a ver com o significado que os dicionários lhe imputam. Tanto assim, que ao vê-la estampada na capa deste número de *Travessia*, muito provavelmente o leitor a tenha apreendido como sinônimo de doença. E assim sendo, é nesta fala ao avesso que nos entendemos.

Dois aspectos poderiam constituir-se em eixos das abordagens: a crise institucional do sistema de saúde, com todas as suas mazelas e a pobreza. Entretanto, foram eles tomados como pressupostos. Por isso, as abordagens percorrem livres outros viéses, mas que longe de se fragmentarem, se entrecruzam e complementam quando tomadas em seu conjunto.

Descrições e menções de doenças em situações e realidades as mais variadas, aparecem desde ambientes de trabalho urbano-industrial, nos canaviais nordestinos, na região amazônica, em assentamentos do centro-sul, passando até mesmo por salas de benzedores e locais de peregrinação. E sob a colcha de retalhos do quadro da morbidade em nosso país, por onde transita desprovido de imunidade o migrante-trabalhador, pontualizam-se alternativas populares - quer no campo institucional, quer fora dele; quer através da medicina tradicional, quer da terapia religiosa -, mapeando as múltiplas estratégias de resistência a que a população se agarra, individual ou coletivamente.

Por fim, em que pese a lacuna deixada por este número da revista, vale lembrar aos que dizem que o migrante é portador/transmissor de doenças, que ele é portador sim, de mais este preconceito. Pois o que ele é na verdade, é muito mais vítima de situações que o tornam frágil frente a doença. E como vítima-doente, carece ter seu nome ouvido. Não como mero aglomerado de letras para constar em fichas e prontuários, ou como simples número para engrossar índices em tábuas estatísticas, mas como vítima-sujeito portador de direitos e de uma dignidade que precisam ser resgatados.

Dirceu Cutti